



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)

AMANDA CRISTINA DOS SANTOS MAGALHÃES

**NARRATIVAS FOTOETNOGRÁFICAS: A IMAGEM COMO RESGATE
DAS MEMÓRIAS DOS FEIRANTES DE REDENÇÃO – CE NO PERÍODO
DE 2019 A 2022**

REDENÇÃO – CE 2022

AMANDA CRISTINA DOS SANTOS MAGALHÃES

**NARRATIVAS FOTOETNOGRÁFICAS: A IMAGEM COMO RESGATE
DAS MEMÓRIAS DOS FEIRANTES DE REDENÇÃO – CE NO PERÍODO
DE 2019 A 2022**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito à obtenção de título do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa

REDENÇÃO – CE 2022

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNILAB – UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
SEPLAG - SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO.

IPECE – INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ

IDH – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	6
1.1 A Feira de Redenção - CE	12
1.2 A Feira e o Mercado Informal	15
2. OBJETIVOS	18
2.1 Objetivo Geral	18
2.2 Objetivos Específicos	18
3. JUSTIFICATIVA	18
4. PROBLEMA DE ESTUDO	22
5. DISCUSSÃO TEÓRICA	30
6. METODOLOGIA	32
6.1 A Etnografia	33
6.2 A fotoetnografia	33
7. CRONOGRAMA DA PESQUISA	34
REFERÊNCIAS	34

1. APRESENTAÇÃO

Figura 1 - Feira de Redenção, Ceará



Fonte: Imagem da autora. (2020).

O município de Redenção é composto por uma área de 225.626km², a qual representa 0.151% do Estado e 0.0151% de toda região. Com população de 29.146 mil pessoas e com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal é de 0,651, segundo o IBGE¹. O município fica situado na microrregião do Maciço de Baturité, no qual faz parte de 13 municípios, a saber: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité,

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/panorama>. Acesso em: 20/05/2022.

Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção. A cidade de Redenção localiza-se a uma altitude de 88 metros acima do nível do mar e fica aproximadamente 55 km de Fortaleza a capital do Ceará. Era antiga vila do Acarape, o nome Redenção foi atribuído por ser a primeira cidade brasileira a libertar todos os seus escravizados. Seus primeiros habitantes foram os índios Tapuias², que vieram habitar as margens do Rio Pacoti.

Figura 2 - Monumento Negra Nua (Redenção, Ceará)



Fonte: Imagem da autora. (2022).

Conforme consta nos registros oficiais do site do IBGE³, referente a história da cidade de Redenção no Ceará, no mesmo dia em que o município foi criado, foi assinada uma lei que autorizava o presidente da província a aplicar anualmente, a importância de

² Tapuias: Tapuias é um termo de origem tupi que foi utilizado durante o período inicial de colonização do Brasil para designar todos os indígenas que não falavam o tupi antigo.

³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/historico>. Acesso em: 20/05/2022.

quinze mil réis com libertação de escravizados, de preferência do sexo feminino. Em dezembro de 1882 foi fundada a Sociedade Redentora Acarapense, com a participação de abolicionistas⁴, segundo a história, fervorosos: dirigidos por Gil Ferreira Gomes, Antônio da Silva, R. A Gomes, Henrique Pinheiro, Padre Luís Bezerra, e Deocleciano de Menezes. Apenas 23 dias após a criação dessa sociedade, o Ceará recebeu o lançamento do protesto solene à senzala, afirmando para todo o Brasil que naquela terra já não havia mais escravos. Em 21 de agosto de 1871 teve a criação da primeira câmara municipal de Redenção.

Pessoas negras e pardas constituem a maioria de habitantes do município, mesmo assim, ainda vemos a taxa de desemprego maior na população negra, em comparação com a população branca. Segundo dados do IBGE⁵ 2010 (último senso realizado conforme encontrado no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apenas 119 pessoas negras possuíam emprego de carteira assinada, enquanto que as pessoas da branca eram o triplo desse número. Essas desigualdades em termo do emprego também refletem nos níveis de escolaridade e criminalidade.

O município de Redenção foi também a cidade escolhida pela comissão de implantação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Conforme dados oficiais coletados do site da universidade, “foi criada pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, e instalada em 25 de maio de 2011.”. Nesse sentido, o projeto de Lei busca atender a demanda de um projeto de reparação histórica frente a população do continente africano que fora escravizada no período de colonização no Brasil, por meio de um acordo bilateral do Brasil com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), se estendendo assim para um projeto que contempla a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), no qual inclui Timor-Leste.

Sediada no interior do Ceará e da Bahia, em 20 de julho de 2010, a UNILAB é um projeto diferenciado de educação, por se ter como princípio a cooperação solidária entre povos, promovendo o desenvolvimento regional, o intercambio cultural, científico e educacional. Assim, a cidade de Redenção passa a abrigar infraestruturas administrativas e acadêmicas (campis e unidades administrativas da UNILAB).

⁴ Os abolicionistas se opunham ao regime escravista e eram indivíduos oriundos de diversas classes sociais.

⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/pesquisa/23/25888?detalhes=true>. Acesso em: 20/05/2022.

Figura 3 - Campus da Liberdade – UNILAB, Ceará



Fonte: Imagem retirada do site oficial da UNILAB⁶

Com o aumento populacional, principalmente pelo fluxo migratório de populações vindo de outras cidades do interior, as transformações sociais são perceptíveis, por exemplo, o aumento populacional. Segundo os dados de estimativa populacional coletados pela (SEPLAG) nos anos de 2007 e 2008, mostram 14.790 mil habitantes na área urbana de Redenção e 10.912 na área rural, comparados a dados coletados pelo (IBGE) onde mostram uma população estimada em 29.238 pessoas no ano de 2021. Com a chegada dos polos universitários da UNILAB e de estudantes estrangeiros (vindos dos países africanos da Comunidade de Países de Língua Portuguesa e Timor-Leste), as cidades de Redenção e Acarape passam por várias transformações socioespaciais.

⁶ Campus da Liberdade, Redenção (CE). Imagem retirada do site oficial da UNILAB. Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2011/11/DSC_0054.jpg?_ga=2.3646384.1004769022.1660268683-1629881195.1658206489. Acesso em: 20/05/2022.

Figura 4 - Cidade de Redenção, Ceará



Fonte: Imagem da autora. (2022).

Figura 5 - Chegada e partida no “pau de arara”



Fonte: Imagem da autora. (2019).

Figura 6 - Comprador no Mercado Público



Fonte: Imagem da autora. (2020).

1.1 A Feira de Redenção - CE

A feira do município de Redenção - CE é localizada na parte central da cidade, cuja estrutura sofreu transformações profundas. Situa-se entre as ruas Pedro II e Capitão Félix Nogueira. A feira é montada durante todos os dias da semana. O domingo é o dia de maior comercialização, principalmente para podermos analisar a vinda de redencionistas que trazem e vivem dos produtos gerados pela agricultura familiar. Esses descem da região da Serra por meio de paus de arara ou veículos próprios até a parte central do município, objetivando entre outras coisas, trocas afetivas e comerciais.

Aos domingos, perto do alvorecer é iniciada a movimentação e começa a montagem das barracas. Em sua grande maioria são feitas de madeira, ferro e uma tenda para a proteção dos produtos destinados ao comércio. É importante observarmos que a condição de ter a barraca “estruturada” não se faz presente para todos os feirantes, principalmente pelo alto custo de compra e manutenção de uma barraca e por questões como documentação e licença de feirante.

Figura 7 - Venda de galinha ao chão da praça matriz de Redenção, Ceará



Fonte: Imagem da autora. (2022).

Com efeito, alguns feirantes armam suas tendas no chão da Praça Matriz de Redenção, usando-a como referência para estabelecerem seus pontos comerciais. Nesse ambiente de trocas e vendas, encontramos feirantes com produtos de floricultura e jardinagem; encontramos artesãos que oferecem seus produtos de artesanato, como toalhas, crochês, objetos feitos à base de produtos recicláveis. Outros vendem produtos para cozinha, como panelas, pratos, acessórios, peças para fogão. Em abono da verdade, importa frisar que são inúmeros artigos e produtos comercializados na feira.

Caminhando na Praça Matriz aos domingos pela manhã, encontramos também feirantes que vivem da venda de peças de roupas e calçados usados; carrinhos de lanche, e também vendedores ambulantes com acessórios eletrônicos. Diante desse cenário de diferenças estruturais, entramos na feira livre de Redenção. Às sete da manhã é possível observarmos as barracas montadas e prontas para a comercialização de seus produtos.

Em busca de espaços para a comercialização de seus plantios e produtos, feirantes do Maciço de Baturité - que vivem nas serras, espaços rurais e urbanos - descem até a parte central da cidade, no período que vai das duas às três da manhã, para iniciar o processo de montagem do mercado informal. Esse processo começa com a chegada dos

produtos, a montagem da barraca, a limpeza do espaço e a organização das mercadorias, colocando-as em exposição para a venda.

É importante dizer que a feira não é um lugar fixo, em que o/a pesquisador(a) é o/a único(a) que perambula nesse território. A feira é um território movente, que arrasta linhas mutantes em um campo heterogêneo em que estão marcadas as relações físicas e existenciais. (ALMEIDA, 2022, p. 16)

Ao caminhar pela feira, o cheiro das frutas e verduras inebriam as ruas, juntamente com os sons de conversações e o vislumbre das trocas sociais. De cada barraca sai o sustento e a vida de uma família.

Figura 8: Tenda de venda ao chão



Fonte: Imagem da autora. (2022).

Diante da necessidade de agricultores e feirantes, produtos como frutas e verduras se transformam em suas moedas de trocas e em estratégias de sobrevivência financeira. Apesar do grande número de feirantes vendendo produtos parecidos, se sobressaem aqueles que interagem mais com os clientes, fazem suas promoções e apresentam um produto de melhor qualidade. É nesse momento que podemos observar a linguagem de cada trabalhador e mercador informal, alguns rimam para atrair interessados(as) e vender seus produtos e, outros vendem o produto cantando uma música ao sabor do gosto e das tendências da moda. Feirantes alteram o tom de voz, tornando-a mais aguda e sonora e anunciam o preço do produto mais barato. Nesse ínterim, entre o anúncio e o jogo da venda do produto, pode-se etnografar a linguagem do comércio dos produtos dos feirantes.

Figura 9 - Feirantes no momento de venda no mercado público



Fonte: Imagem da autora. (2022).

Antes a feira era marcada por feirantes que possuíam grau de instrução e escolaridade elementar/básica: pais e mães de famílias de baixa renda. A única forma de assegurar a reprodução social dos seus era por meio da venda de produtos agrícolas. Atualmente, com a passagem de ofício de feirante de geração para geração, encontramos jovens que, durante os dias úteis da semana estudam e nos domingos trabalham junto de seus familiares ou em suas próprias bancas. Assim, a construção visual e ideia retrógrada de que a feira é povoada e construída por pessoas mais velhas e sem escolaridade é desestruturada, portanto uma nova paisagem nos é apresentada. Mesmo em contexto de austeridade econômica, a ideia de comprar produtos rurais direto com o produtor, sem a interferência de grandes oligopólios, cultivados distantes dos agrotóxicos e da lógica de faturamento excessivo, faz com quem a feira tenha um público cativo procurando, incessantemente, por produtos agrícolas.

As feiras-livres são terreiros de perambulações, território de trânsitos e de encontros, em que estão atravessadas nesse chão cruzado uma multiplicidade de gente, bichos, plantas e outras diversas espécies que se encontram entre ruas, vielas e becos. (ALMEIDA, 2022, p. 26)

Diante desse cenário conseguimos desenhar e imaginar a feira de Redenção, não apenas como lugar de compra e venda, mas também como espaço de trocas sociais e simbólicas, conversações e construção de um espaço/território afetivo e identitário regional.

Figura 10: “Novos começos” momento de compra e venda



Fonte: Imagem da autora. (2022).

1.2 A Feira e o Mercado Informal

Nota-se a presença do mercado informal desde a antiguidade, isto é, as feiras e mercados informais não começaram no século XX, mas sim em períodos que antecederam este século. As feiras como “mercado de troca existiam desde os tempos remotos e as primeiras cidades foram, entre outras coisas, os locais onde essa atividade estava provavelmente concentrada” (HARVEY, 1981, p. 207). Estudar e debater o assunto da feira é reconstruir a imagem da dinâmica no tempo e no espaço das feiras, uma vez que essa dinâmica conta sobre as relações de trocas afetivas, simbólicas e comerciais desde o início da história do mercado informal.

Esses espaços de feiras e mercados informais com o passar do tempo adquiriram tal importância que ultrapassaram o seu papel comercial, tornando-se em muitas sociedades “[...] num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades se congregam para estabelecer laços de sociabilidade” (ARAÚJO, 2012). A sociabilidade é necessária na construção das feiras, uma vez que sem essas linhas de conversações e trocas sociais, os mercados informais seriam apenas mercados ao ar livre, sem todo o seu poder de comunicação entre o mercado, o feirante e o comprador.

Segundo Justino (1989), por um lado: “Uma feira é, antes de mais, um local de encontro. Onde vendedores e compradores estabelecem os seus negócios, mas, por outro, integram-se numa trama de papéis sociais que transcendem as funções estritamente econômicas.” (JUSTINO, D. 1989. p. 275). As linhas de sociabilidade que se criam em

um ambiente de feira, constroem a imagem de uma feira que apesar de seu propósito maior ser a compra e venda de produtos, acaba se tornando um espaço urbano de trocas sociais e simbólicas. As trocas comerciais realizadas na feira possuem sua ascendência relacionada ao ressurgimento das atividades comerciais na passagem da idade média para a idade moderna. Mumford (2004) nos traz a formação de excedente dos produtos rurais e de população para que pudesse haver a proporção do comércio com as riquezas necessárias para sua expansão.

No Brasil não existem documentos indicativos que comprovem quando e onde ocorreu a primeira feira, mas para (MOTT, 1975) uma das primeiras que se tem notícias, foi no Nordeste, provavelmente entre os séculos XVI e XVII. A feira estava supostamente localizada em Capoame, no norte do Recôncavo baiano. Inicialmente as feiras nordestinas iniciaram suas vendas por conta do comércio de gado, que era bastante presente no sertão nordestino e tendo seu grau de significância na formação de pequenos núcleos de povoamento, como aponta (GONÇALVES E HOLANDA, 2017). Cidades no interior nordestino cresceram pela movimentação dessa mercantilização e de mercados informais como a feira, segundo apontamentos de Ab' Sáber (2003).

A importância de uma feira em uma região vai para além de apenas essa comercialização, a feira consegue definir toda uma estrutura de trocas sociais, empregos e desenvolvimentos em uma cidade. Muitas cidades conseguiram se desenvolver a partir dos movimentos de feira livre, um exemplo desse desenvolvimento é a cidade de Sobral no estado do Ceará, localizada na mesorregião do noroeste cearense, a 232 quilômetros de Fortaleza. A cidade Sobral conseguiu seu desenvolvimento a partir da feira de gado: “O comércio do couro e de carne salgada (charqueada), juntamente com o cultivo do algodão, já no final do século XIX, firmou, por meio do binômio gado- algodão, a condição de Sobral como centro coletor de produtos vindos do sertão e das serras do oeste cearense (HOLANDA, 2000).

Uma cidade desenvolvida a partir de feiras encontra no mercado informal sua forma de desenvolvimento econômico, mas apesar de todos os seus benefícios em uma região, as feiras e mercados informais ainda são vistos como produtos marginalizados de uma sociedade. Como ocupantes desse espaço urbano central de uma cidade, aqueles que produzem e constroem a feira em município são pessoas descendentes de escravizados, caboclos, quilombolas, e pessoas que possuem baixa renda (DANTAS E COSTA, 2016). Essas diferenças econômicas se encontram quando enxergamos a pluralidade do ambiente de uma feira, a dependência e a necessidade financeira desses trabalhadores nos levam a

entender o conceito de circuito marginal urbano de (MILTON SANTOS, 1979):

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços. (SANTOS, 1979, p. 29)

Esse circuito inferior representa a pequena produção artesanal, de um comércio com uma grande multiplicidade de serviços e produtos que se origina das desigualdades geradas pela moderna tecnologia excludente. Este circuito inferior ganha uma nova roupagem quando traz tecnologias em suas atividades, um exemplo disso é a chegada da modernização nas formas de pagamento. Se antes o dinheiro em espécie era a forma mais utilizada para as compras e vendas, hoje feirantes e frequentadores da feira se utilizam de novos meios tecnológicos para a efetuação de pagamentos, como os recursos do PIX, cartão de crédito, maquinetas, leituras de *QR Codes*, bancos digitais e entre outros.

Desta forma, podemos enxergar as adaptações das diferentes conjunturas econômicas, tendo ao seu dispor novas ferramentas que auxiliam no esforço de subsistência e geração de renda. Estes feirantes, apesar de vistos como empregos marginalizados e subalternos, possuem em si, determinado grau de empreendimento e pluralidades de serviços, já que fazer a feira não é apenas o momento de venda. Até chegar o momento de compra, o feirante consegue trazer para si conhecimentos de agricultura, comércio, economia e noções políticas.

Assim, feirantes e mercadores encontram na feira sua fonte de renda. “As feiras estão profundamente envolvidas nos sistemas de mercado regional. Assim, na maioria das vezes, elas deixam de ser um fato rotineiro para assumir um papel de destaque, sendo, às vezes, difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira.” (DANTAS, 2008). A sua importância vá para além do âmbito regional ou urbano, a feira consegue desenvolver-se com um processo de comercialização e trocas inter-regionais.

Segundo Pazera Jr, 2003, as distinções do mercado privado e do mercado público aparecem em uma narrativa visual, enquanto grandes mercados e mercantis oferecem determinado conforto e ampla variedade de marcas e produtos industrializados, a feira é apresentada em praças e ruas, algumas possuem um espaço chamado de mercado público,

cedido pelas prefeituras municipais. Já os grandes mercados são oriundos de empresas e empresários que vendem suas mercadorias com altos impostos e variedades de marcas. Nesses grandes mercantis e supermercados, podemos observar as pessoas em um movimento mais rápido, onde o cliente vai apenas para as compras, efetua o pagamento em um único lugar e em seguida vai embora. Distanciando-se dessa sociabilidade criada e vivia nos momentos de trocas, compras e vendas da feira, para Vedana (2004), esses momentos vividos em feira são chamados de micro-eventos, que trazem consigo esses espetáculos do cotidiano, nas presenças das sociabilidades, brincadeiras e conversações que acontecem nessas feiras livres, entre os fregueses e clientes.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Compreender a complexa dinâmica de transformação da paisagem da feira de Redenção, no intervalo de 2019 – 2022.

Objetivos Específicos:

- Fotodocumentar o cotidiano da feira de Redenção;
- Comparar através de registro fotográfico a paisagem da feira antes, durante e depois da pandemia de Covid-19.

3. JUSTIFICATIVA

O presente estudo se justifica na necessidade e vontade de trazer as histórias, dos feirantes, mercadores informais e frequentadores da feira, através das imagens. O desdobramento dessa pesquisa vem de anos de estudo e as idas a campo, de 2019 até 2022. Durante este período, pude estar presente, pesquisando e conhecendo não só os feirantes, mas também aqueles que vivem na cidade e optam por fazer suas compras na feira.

A necessidade de apresentar uma perspectiva visual embasada na fotoetnografia, segue dois rumos: o envolvimento emocional, isto é, o contato com a feira desde a infância e os métodos fotográficos vindos da pesquisa etnográfica. Através de narrativas imagéticas busco remontar trajetórias, memórias e histórias de corpos, feirantes, mercadorias e paisagens que trazem à tona a complexa malha de relações sociais que edificam no tempo e no espaço uma feira. Exploro questões como a passagem de ofício

de feirante dos mais velhos para os mais novos.

Importa frisar que podemos falar de fotoetnografia sem falar de Roland Barthes, autor da obra “A câmara clara” –, obra está que foi publicada no ano de seu falecimento. Barthes divide a foto em um objeto com três intenções: “fazer, suportar, olhar” (1980, p. 20). Para ele, o fotógrafo é o "Operator", o observador das fotos seria o "Spectator" e quem se deixa fotografar ou o objeto fotografado seria o "Spectrum". Nas palavras de Barthes, é inegável o poder da fotografia, diante da imagem é impossível negar que um objeto ou pessoa não estivesse lá. A realidade e o passado se encontram, Roland também nos deixou a seguinte afirmação: "No fundo a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa" (Barthes, 1984, p. 62).

Apesar de Roland Barthes (1984) nos trazer esclarecimentos, estudos e pesquisas a respeito da imagem e da fotografia, quem trouxe o nome fotoetnografia na antropologia visual foi o pesquisador e fotógrafo Luiz Eduardo Achutti, esse que é considerado o pai do termo “fotoetnografia”. Foi o autor que revolucionou o que conhecemos como antropologia visual, a qual traz a imagem como forma de linguagem textual. As inovações de Achutti sofreu certa resistência por parte da antropologia inicialmente e apenas com o atrelamento da fotoetnografia a antropologia visual, foi que o formato das imagens como pesquisa e linguagem foram aceitos.

O autor em questão, em sua obra, fala sobre os métodos fotoetnográficos: "através de uma abordagem descritiva, em que a principal forma de narrar é o uso de imagens, através de um exercício de uma antropologia visual utilizando a técnica fotográfica - uma fotoetnografia - busco investigar os elementos com os quais esta população constrói os traços de sua identidade” (ACHUTTI, 1997 p.12). Métodos esses que são utilizados hoje por antropólogos visuais para suas pesquisas fotoetnográficas, visto que a etnografia é um trabalho e pesquisa onde há a necessidade de o pesquisador possuir embasamento teórico para adentrar em determinada cultura, local e sociedade a ser estudado, atrelando a fotoetnografia. É preciso de um conhecimento visual, saber como se comportar e como usar uma câmera fotográfica. Fazer a etnografia significa ir a campo, construir linhas de sociabilidade, conhecer a cultura e o espaço, ao se inserir nele. É preciso dominar os dois para a produção de uma fotoetnografia.

Sempre fui frequentadora das feiras e mercados informais, desde pequena meu pai sempre me levava as feiras de ruas que aconteciam no meu bairro, na minha cidade natal. Sempre fui encantada por essas trocas afetivas e simbólicas que acontecem no momento

da feira. Por ter sido uma criança de família de classe popular, encontrava na feira o contato com mercadorias de preços acessíveis; como vídeo games e jogos usados, instrumentos musicais de segunda mão e ali conseguia ter acesso a esses mercados de rua que eram sempre movimentados, com muita música, troca de produtos, animais, cheiro de frutas e verduras. Minhas memórias mais fortes e presentes da infância é conhecendo e construindo linhas de sociabilidade nas feiras.

Questões tradicionais seguem um percurso visual de coisas antigas, a necessidade e vontade de desconstruir essa imagem de feira construída apenas por pessoas mais velhas e sem estudo, é uma das razões do presente trabalho.

Figura 11 - Banca das carnes



Fonte: Imagem da autora. (2022).

Figura 12 - Banca de Verduras



Fonte: Imagem da autora. (2019).

Figura 13 - Frequentador da feira (2019)



Fonte: Imagem da autora. (2019).

Figura 14 - Vendedora de Cabras



Fonte: Imagem da autora. (2019).

4. PROBLEMA DE ESTUDO

O grande impacto financeiro vivido no ano de 2018 até o presente ano de 2022, iniciou-se com as grandes mudanças econômicas e políticas no Brasil. No início do ano de 2018 percebíamos o panorama do ano que iria impactar, social e financeiramente, todos os brasileiros. Ano de eleições presidenciais, o cenário era de apreensão e dúvidas sobre o futuro do país. Diante de uma conjuntura eleitoral povoada por *fake news*, conhecemos o novo governante do Brasil, eleito com 55,13% dos votos. Jair Bolsonaro é anunciado como o presidente do Brasil, deputado há 27 anos, ganhou mais voz e passou a ser mais visto durante o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. O atual presidente ganhou apoio de partidos e apodadores da direita nacional. “Ele chegou à presidência não como líder político, mas como alguém disposto a destruir políticos e políticas” (AVRITZER, LEONARDO 2020). Nesse momento de conflitos entre partidos de esquerda e direita adentramos ao ano de 2019 com um governante que já anunciava publicamente seus interesses pela classe alta brasileira, e os desejos de minar as políticas públicas que favorecem pessoas de classes mais baixas (AVRITZER, LEONARDO 2020).

Figura 15 – A Feira



Fonte: Imagem da autora. (2022).

As feiras estão presentes na sociedade antes de Cristo, apesar de não se ter uma data específica. O primeiro movimento de mercantilização informal segundo as fontes históricas nos conta se deu entre os astecas, os gregos e os romanos. Nesse sentido, “atribui-se à Idade Média, a oficialização das feiras, pois em Roma, estabeleceu-se que as regras de criação e funcionamento destas dependiam da intervenção e garantia do Estado, que atuava como disciplinador, fiscalizador e cobrador de impostos.” (ALMEIDA, 2009). A presença da grande comercialização informal na cidade demonstra a necessidade dessa população de moradores da pequena região a um emprego formal, como exemplo temos famílias que, por não conseguirem empregos registrados, acabam precisando entrar nesse mercado informal. No Brasil esses espaços de feiras se formaram em 1910 por uma tentativa do poder público de aproximar os consumidores, feirantes e frequentadores, no intuito de minimizar as irregularidades do fornecimento de gênero alimentícios (ALMEIDA, 2009).

Figura 16 - As Bancas de Fruta na Feira



Fonte: Imagem da autora. (2019).

Perceber essas transformações sociais, entender tais processos, é também estar inserida neles como sujeito social. Participar de uma cidade que depende de fatores sociais e econômicos para crescer e se desenvolver enquanto município. Assim, foi a partir do ano de 2020 que nós presenciamos e vivenciamos o maior período de calamidade pública e crise sanitária dos últimos anos (COSTA, 2021). A pandemia da Covid-19 nos mostrou escancaradamente a necessidade de uma política que olhasse para todos os cidadãos de forma igualitária e humanizada.

A feira por ser um mercado público e que necessita desses espaços urbanos - as ruas, praças e mercados - se viu obrigada a desmontar suas barracas, desarmar suas tendas, guardar suas mercadorias e abandonar suas trocas financeiras e sociais. Diante desse cenário, feirantes, e mercadores perderam a sua maior fonte de renda e trabalho. Se antes as condições de vida desses trabalhadores contavam a história de um Brasil desigual, vivenciamos tempos em que essa realidade não pode ser mais mascarada pelo governo. A chegada da pandemia impactou ainda mais a economia brasileira e isso somou-se a um quadro socioeconômico que já se encontrava em degradação (MATTEI, L., & HEINEN, V. L. 2020).

No dia 18 de março de 2020, o prefeito da cidade de Redenção assinou o decreto de isolamento social deixando restrito qualquer atividade que não fosse de cunho essencial. Nesse momento feirante da cidade, se viram de mãos atadas e com o medo do que iria ser do futuro para aqueles que viam na feira seu lugar de sustento, passaram a depender de órgãos e projetos dos governos federais, estaduais e municipais para

manterem suas alimentações e moradias, em um momento onde a vida precisava a todo custo ser resguardada dentro de casa.

Figura 17 - Compras em período de isolamento social



Fonte: Imagem da autora. (2021)

A covid – 19 mostrou a sua força nos anos de 2020 e 2021, dados epidemiológicos municipais mostram que seis mil e quinhentos e três moradores da cidade contraíram o vírus e cento e quinze acabaram falecendo em decorrência do agravamento da doença. Foi diante desse cenário - de vidas sendo perdidas, descaso com a saúde pública, falta de leitos em hospitais, taxa de desemprego aumentando, estabelecimentos sendo fechados, trabalhadores sendo demitidos e a feira sendo obrigada a não funcionar - sensivelmente dois anos –, que o presente projeto de pesquisa foi construído.

Figura 18 - Máscara de Proteção na Banca



Fonte: Imagem da autora. (2020)

O aumento do custo de vida e a pandemia impactou econômica e socialmente na continuidade da feira, no entanto, a chegada da vacina, o aumento da taxa de vacinação, a queda dos casos e internamentos no ano de 2022, trouxeram os mercadores e feirantes de volta as ruas. Além da visão da feira se iniciando ao amanhecer dos domingos, começou a ser notada pelos moradores e frequentadores de Redenção a presença de um mercado reformado. Vale reforçar que a nova estrutura da feira, até o presente momento, não foi inaugurada. Fato esse que obrigou algumas barracas de alimentação e vendas fossem abruptamente retiradas do local. Mercado esse antes conhecido pelos habitantes de Redenção como “barracão”, hoje é apenas um prédio público que os feirantes não podem ocupar.

Figura 19 - O novo “barracão”



Fonte: Imagem da autora. (2020).

Diante desse cenário de fim do isolamento social e restrições, toda a estruturação antes conhecida da feira foi alterada: as ruas onde as barracas de frutas e verduras eram locadas foram transferidas para longe do mercado público e se aproximando mais da praça matriz, trazendo com isso uma mudança que afeta todo o aspecto visual da feira. Com as mudanças em prédios públicos que facilitavam a vida dos feirantes, muitos perderam seus locais e se alocaram pelas ruas e calçadas, fazendo com que a feira se dividisse em partes: antes as duas ruas, o mercado e a praça matriz que faziam o local urbano da feira, hoje se encontra com bancas distantes e vazias. Apesar das transformações sociais e estruturais vividas nos anos de 2019 e 2022, o cenário da feira municipal de Redenção segue sendo um espaço de trocas financeiras, afetivas, simbólicas e sociais e sociais.

Figura 20 - Por dentro do Mercado Público



Fonte: Imagem da autora. (2022).

Figura 21- Momento de compras na feira



Fonte: Imagem da autora. (2022).

Figura 22 – Sr. José dos Santos⁷

Fonte: Imagem da autora. (2019).

⁷ José dos Santos Silva. Vendedor de queijo na feira de Redenção – CE. Durante anos de sua vida se dedicou ao trabalho de feirante, sempre muito educado e gentil com seus companheiros de feira e fregueses, durante os seus últimos anos continuou vendendo queijo e trabalhando na feira de Redenção, mas devido o agravamento de sua doença teve que se afastar e infelizmente partiu. Deixo aqui meus sentimentos a família e presto homenagem a esse grande homem, que participou diretamente e indiretamente desse processo de construção material e imaterial da feira municipal de Redenção – CE.

5. DISCUSSÃO TEÓRICA

Estudar o urbano e o rural é um campo bem amplo para as ciências sociais, observar essa construção da cidade está atrelado ao campo da antropologia urbana que visa entender, compreender esses fatos e eventos do cotidiano em uma sociedade: “É observando os acontecimentos corriqueiros e cotidianos que a antropologia pode construir novas interpretações”. (OLIVEN, 2007, P. 14.) A cidade por estar passando sempre por esses processos de mudanças e evoluções, encontra sempre uma sociedade que se altera e se adapta conforme os acontecimentos ocorrem. Estas cidades também são construídas por conflitos e interações. Conflitos políticos, de interesses e de cunho social formam uma sociedade inserida nesse contexto urbano ou rural. Redenção por não ser uma grande metrópole, não deixa de ser uma cidade que precisa de todas as atenções e cuidados como as demais, pois a mesma também passa pelos processos de urbanização e organização pública. Se paremos para analisar as alterações vividas e vistas pelos moradores ou conhecedores de Redenção, encontraremos uma cidade que passou do meio rural para o urbano e a cada momento e movimento social, há transformada em uma cidade com mais processos de desenvolvimento. Estudar a complexidade das questões de uma cidade nos possibilita uma série de questionamentos e apontamentos. Ir a campo, mesmo que embasada cientificamente ou teoricamente, não me blindou de dúvidas e questionamentos, quanto mais eu adentrei no campo da feira e da etnografia, mais surgia em mim a necessidade de entender esses aspectos sociais e estruturais vividos por feirantes e frequentadores desse espaço que é a feira.

Vale ressaltar que apesar deste projeto de pesquisa, abordar também a problemática das desigualdades vividas até em empregos subalternos e marginalizados, enxergando o contexto e as vulnerabilidades sociais, esse não é o foco principal deste trabalho. A necessidade de trazer uma fotoetnografia veio do desejo de mostrar que a feira está longe de ser um mercado sujo e desorganizado composto por pessoas desonestas. A feira é composta por trabalhadores que encontram nesse mercado a sua fonte de renda e sustento.

Trazer essas fotografias ao campo etnográfico e da antropologia visual foi um dos objetivos e marco realizado por Luiz Eduardo Achutti, que estabeleceu esse campo de diálogo entre a etnografia e a fotografia, trazendo para si uma “escrita fotográfica”. A imagem não precisa estar diretamente ligada ao texto para contar uma história, a imagem consegue falar por si só. O que nos leva aos pensamentos de Roland Barthes, que trouxe os estudos e falou sobre a fotografia como objeto dele. Em “A Câmara Clara”, Barthes relate e encontra essas duas narrativas, a crítica e a expressiva. A imagem e o texto. Nesta obra ele nos traz esse encontro de três emoções e três práticas:

Observei que uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções): fazer, suportar e olhar. O Operator é o fotógrafo. O spectator somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos albuns, nos arquivos nas coleções de fotos. E aquele que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de ídolon emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de Spectrum da fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com o “espetáculo” e a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto. (BARTHES, A CÂMARA CLARA, 1984, PÁG 20).

Neste sentido, a narrativa visual neste projeto de pesquisa tem o intuito de expressar essas emoções e práticas desses mercadores em seus momentos de trabalhos e trocas sociais. Em cada barraca, existe uma família que precisa dessa venda de produto para abastecer suas casas, pagar suas contas e viverem em sociedade. Essas famílias encontram nesse mercado informal sua forma de sustento, além disso conseguem construir suas relações a partir do momento da feira. Já que essas trocas sociais acontecem durante todo o expediente em que ali estão comercializando seus produtos. Fazer as fotografias desses momentos, me levou a enxergar a multiplicidade de funções que um feirante adquire para si. Além de trazer consigo conhecimento sobre plantação e agricultura, um feirante adquire noções de economia, política, direitos trabalhistas, vendas e compras. Essa integração do mercado informal com a cidade não deve ser vista de forma ilegal, já que a informalidade e a ilegalidade não estão atreladas e nem juntas nesse contexto. São diversas as formas e causas que levam a essas pessoas a recorrerem aos mercados informais e feiras para a garantia financeira, isto é:

Mesmo que o trabalho informal seja, indubitavelmente, fruto da maneira desigual com que o capitalismo se expande, não podemos negar que ele também tem sua origem na própria ética capitalista. O desemprego, nesse sentido não constitui o único fator explicativo para o fenômeno da informalidade. Em última instância, é o ethos que faz com que os sujeitos legitimem-na socialmente, no momento que estão imbuídos do desejo de ser patrão, de estar no topo da cadeia, de trabalhar por si próprio e, principalmente, de mandar. Podemos dizer, lato sensu, que o trabalho informal é resultado tanto das condições materiais produtoras de desigualdade, como da subjetividade dos indivíduos, movimentados por um espírito empreendedor. (PINHEIRO-MACHADO, 2008, p.120)

Aqui encontramos o eixo desses trabalhadores informais que vivem de suas plantações e colheitas, as quais os tornam seus próprios patrões e constroem para si uma certa autonomia como donos de seus próprios negócios. Essas movimentações econômicas criam para a cidade formas de desenvolvimento e acrescentam no patrimônio material e imaterial de um município. “Apesar de em algumas vezes serem marginalizados, os comércios informais fazem parte da economia. Esses comércios, por meios de suas negociações, fazem girar capital e geram seus próprios “empregos”.

(SILVA, BARRETOS, 2015). Podemos pensar em como a cidade de Redenção sofreria uma grande perda se a feira passasse a não existir como lugar de mercado e trocas sociais. A imagem de uma cidade com pouca movimentação na sua parte central seria percebida instantaneamente, já que o centro da cidade é composto por lojas físicas, por bancas e barracas de feira. Esses territórios compõe as marcas identitárias de uma população e essas transformações sociais constroem uma cidade.

Levando em consideração os aspectos de imagem, das trocas sociais, movimentos na economia e fazendo uma fotoetnografia para contar um pouco desse movimento de mercantilização informal e feira da cidade de Redenção. É o que o presente projeto de pesquisa busca investigar.

6. METODOLOGIA

A feira por ser um grande objeto de estudo precisa ser analisada durante todos os seus processos, isto é, desde a chegada da mercadoria, montagem das barracas, momentos de compras e vendas, até o momento onde se encerra. A escolha metodológica para a presente pesquisa foi a fotoetnografia. Realizar esse projeto de pesquisa me levou a estar presente durante vários domingos na feira do município e tornar este trabalho como uma investigação. Com esse contato intenso em campo decidi fazer uma fotoetnografia com a vontade de contar sobre esse mercado, através das imagens. Esta produção é oriunda de um trabalho acadêmico feito no segundo semestre da disciplina de Território e Poder. Portanto, a investigação se divide em etapas descritas abaixo.

A primeira etapa foi o contato inicial com os feirantes e a feira de Redenção, iniciado em janeiro de 2019, com o intuito de conhecer os processos de território e a feira municipal. Nesse momento da pesquisa as fotografias já começaram a ser produzidas e colocadas em um acervo pessoal. Na segunda etapa, comecei a pesquisar autores e livros que contassem a história de mercados informais e quais os impactos da feira eram positivos em uma cidade. Após esse levantamento de autores e pesquisadores, chegamos na terceira etapa da pesquisa, que foi o início das entrevistas com esses feirantes e frequentadores da feira municipal de Redenção. Esse processo se divide em dois momentos, a saber: no ano de 2019 houve um contato intenso, mas em 2020 devido a pandemia, houve um afastamento social fazendo com que a pesquisa seguisse em momento de buscas teóricas e observações. Em 2021 com a retomada gradual das atividades econômicas na cidade, a volta desse contato e o frequentamento da feira, fazem

com que as novas análises e novos registros fotográficos, de toda a estrutura e mudanças ocorridas. Em 2022 novas entrevistas e fotografias foram produzidas para a composição da presente pesquisa.

Em seguida, após todos estes levantamentos de pesquisas, das entrevistas, as conversações, e as trocas de sociabilidade, se juntaram com as fotografias formaram o projeto de pesquisa fotoetnográfico da feira de Redenção.

6.1 A Etnografia

A etnografia é um dos métodos mais fundamentais da pesquisa na área antropológica, segundo a qual a pesquisa é baseada em um trabalho de campo. Esse processo se dá por meio do contato intenso e prolongado da pesquisadora com a cultura do grupo para descobrir como se organiza seu sistema de significados culturais. Este método requer um aprofundamento no cotidiano desses espaços e dessas vivências. Para José Guilherme Magnani “o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.” (MAGNANI, 2002, p.17). É mediante deste método que toda a pesquisa, estudo, fotografia e entrevistas foram feitas, de forma presencial na feira de Redenção, pela presente pesquisadora e fotógrafa.

6.2 A Fotoetnografia

Para realizar a fotoetnografia é preciso estar atento e sensível ao local estudado. Para Achutti (1997), essa abordagem fotoetnográfica é uma narração através das imagens. Ao apertar o disparador, o fotógrafo faz a ação de capturar a imagem, mas depois existe uma sequência de escolhas até a reprodução da imagem, a escolha de cores para decidir se a foto será com cores mais quentes ou em preto e branco. Para quem fotografa com câmeras digitais, é preciso estar atento a ângulos, velocidade do obturador e iluminação. Barthes (1990), afirma que a fotografia é autônoma estruturalmente, não precisando ser apenas um produto ou um caminho. “O poder da imagem é mais forte que o poder da palavra”. (GUTIÉRREZ 1995): isso se encontra na necessidade de uma etnografia com imagens que fortaleçam os relatos e entrevistas e tragam essa narrativa fotográfica para o campo da antropologia visual. Assim, “[...] busco pensar e desenvolver a própria antropologia visual como uma linguagem e um olhar, capaz de, no processo de conhecer, nos dar dados. Procuo, teoricamente, trabalhar a questão da imagem em seu potencial

descritivo e suas históricas conexões com a antropologia.” (ACHUTTI 1997). Pensar em uma fotografia que caminhe com a etnografia faz a fotoetnografia ser esse jogo intrigante entre a imagem, o texto e o contato do pesquisador com o campo, fazendo da etnografia um lugar amplo de pesquisas e trocas sociais.

7. CRONOGRAMA DA PESQUISA

SEMESTRE/ANO X ATIVIDADE	2019	2020	2021	2022
Contato inicial e início das fotografias	X		X	
Leitura das pesquisas e levantamentos bibliográficos		X	X	X
Escrita do projeto de pesquisa		X	X	X
Conclusão do projeto de pesquisa				X

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Ateliê editorial, 2003.

ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Livraria Palmarinca, 1997.

ALMEIDA, Francisco Harley de Oliveira Almeida. **Poeira de ossos, sangue sem corpos e espíritos vegetais: Imagens ambulantes da feira-livre em Redenção-CE**. Orientadora: Michelle Cirne Ilges. 2022. 95 f. TCC (Graduação) – Curso de Bacharelado em Antropologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/84555964/POEIRA_DE_OSSOS_SANGUE_SEM_CORPOS_E_ESP%C3%8DRITOS_VEGETAIS_IMAGENS_AMBULANTES_DA_FEIRA_LIVRE_EM_REDEN%C3%87%C3%83O_CE. Acesso em: 1 junho. 2022.

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros–MG. 2009. 135f.** 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. Trajetória histórica conceitual sobre imaterial e cultural no Brasil e em Portugal tendo as Feiras1 como lugar de investigação. **XXVII Simpósio nacional de história, Natal, julho, 2013.**

AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro.** Todavia, 2020.

BARTHES, R. **A câmera clara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Ana Paula Motta; CARDOSO, Carolina de Menezes. Trabalho infantil e pandemia do Covid-19: reflexões acerca do caso Brasil. In: **Congresso Internacional de Direito do Trabalho (11.: 2021). A proteção social na encruzilhada: anais da academia brasileira de direito do trabalho.** São Paulo: Lex, 2021. 2021.

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. **Por um projeto sócio-espacial de Desenvolvimento.** Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 91-114, inverno, 1998.

DANTAS, G. P. G. **Macaíba: um estudo das transformações na dinâmica socioespacial** (1970/ Feira de 2006). 2007. 202 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, UFRN, Natal, 2007

DANTAS G. P. G. **FEIRAS NO NORDESTE.** Mercator - Revista de Geografia da UFC [en linea]. 2008, 7(13), 87-101[fecha de Consulta 19 de Julio de 2022]. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273620629009>

DANTAS, MONICA DUARTE; COSTA, VIVIAN CHIEREGATI. **O " pomposo nome de liberdade do cidadão": tentativas de arremetimento e coerção da mão-de-obra livre no Império do Brasil.** Estudos Avançados, v. 30, p. 29-48, 2016.

GONÇALVES, Luiz Antônio Araújo; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante. **AS FEIRAS POPULARES NO NORDESTE BRASILEIRO: APORTES INICIAIS.** Revista de Geografia (Recife), v. 34, n. 2, 2017.

GUTIERREZ, Marisol Rodríguez. **Testimonio y poder de la imagen.** In BAZTÁN, A. Etnografía. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural. Barcelona: Marcombo, 1995.

HARVEY, David. **O urbanismo e a cidade: um ensaio interpretativo.** In: A justiça social e a cidade. Prefácio e tradução Armando Corrêa da Silva. São Paulo: HUCITEC, 1981. p. 167-243.

HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **Dinâmica sócio-espacial de uma cidade média -Sobral-CE.** 2000. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2000.

JUSTINO, D. (1989). **A Formação do Espaço Económico Nacional**. Portugal, 18101913. Vol.1. Vega. Lisboa.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “**De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**”. Revista Brasileira de Ciências Sociais v.17, N.49, São Paulo, junho 2002.

MATTEI, LAURO e HEINEN, VICENTE LOEBLEIN **Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro**. Brazilian Journal of Political Economy [online]. 2020, v. 40, n. 4 [Acessado 19 Julho 2022], pp. 647-668. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-31572020-3200>>. Epub 16 Out 2020. ISSN 1809-4538. <https://doi.org/10.1590/0101-31572020-3200>.

MOTT, Luís Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande: um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco**. 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas/SP, 1975.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas**. Tradução de Neil R. da Silva. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

OLIVEN, Ruben George. **A Antropologia de Grupos Urbanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 6ed.2007.

PAZERA Jr., Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB: permanência e mudança**. 2003. 201 f. Tese(Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v.23, n°.67, p.117-33, Junho/2008.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Coleção Ciências Sociais).

SILVA, Antonio Elves Barreto da. **Etnografia das trocas e sociabilidade entre feirantes e frequentadores da feira de Redenção-CE**. Orientadora: Jacqueline Britto Pólvora. 2015. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/152>. Acesso em: 1 junho. 2022.

VEDANA, Viviane. **Fazer a Feira: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. 2004.